

Violência: Motivações e Efeitos

Paulo Eduardo Buchsbaum (Fev/2014)

As manifestações são, sem dúvida, um meio legítimo da população mostrar suas insatisfações e fazer reivindicações. Quando bem articuladas e com boa capacidade de mobilização, sinalizam aos governantes a necessidade de, pelo menos, fazer concessões, dentro do seu jogo de interesses.

A expressão dos povos das ruas ajuda a conscientização das massas, que, por sua vez, pressionam o governo a perseguir a sintonia com as ruas, ainda que, por vezes, de forma cosmética.

Na história, houve diversas mudanças que foram estimuladas por movimentos populares. Sendo assim, não se pode abrir mão desse meio de mostrar a temperatura de um povo. (<http://www.collective-evolution.com/2013/10/19/10-protests-that-changed-the-world/>)

Infelizmente, a violência passou a ser um ingrediente intimamente mesclado a muitas dessas manifestações.

Há a violência de alguns indivíduos, que se infiltram nas manifestações e se expressa sob a forma de depredações, queima de veículos, fogos, explosivos e agressões.

A quem interessa essa violência?

Por incrível que pareça, há muitos grupos interessados, de todas as cores políticas.

A violência interessa a certos indivíduos, alguns sem nada a perder, que encontram nesses ambientes uma forma de extravasar seus sentimentos, pregando ou não alguma filosofia, quer seja anarquista, *punk*, *skinhead* ou qualquer rótulo que se imagine. Dentro da pluralidade das pessoas, é normal que uma pequena maioria se identifique com esse tipo de atitude, sem desmerecer as diferentes filosofias em si.

Já outros grupos, encaram as manifestações com uma mera oportunidade de furtar, principalmente através de saques, a partir de um ambiente de caos, que facilite esse tipo de iniciativa.

Interessa ainda a alguns grupos, na esperança que ela tente catapultar o interesse da população por pequenos partidos (PSTU, PSOL, etc.), que não tem muita chance de alcançar o poder através das eleições, uma vez que o sistema político é todo direcionado para manter o *status quo*.

Essa ideia romântica de revolução através das ruas, nunca funcionou devidamente na história, porque, no fundo, o regime socialista não se realiza na prática. Não porque seus ideais não sejam louváveis, mas porque o homem não é um animal socialista, em sua essência.

A revolução Francesa foi muito mais sangrenta e menos democrática do que ensinam os livros tradicionais de escola. A revolução Russa rapidamente dissipou os ideais românticos através do governo mão de ferro do Stalin. A revolução chinesa de Mao atravessou o "Grande Salto Adiante" (1958-1961), que desarticulou o sistema agrícola, provocando a morte por inanição de milhões de pessoas. Acredita-se que quase 25% da população no Camboja tenham morrido, no período do Khmer Vermelho (1975-1979) do Pol Pot. Para citar um caso mais recente, a derrubada do regime autoritário do Egito, está trazendo ... outro regime autoritário. Assim fica seis por meia dúzia.

Vale lembrar que, há 30 anos atrás o PT era o equivalente ao PSOL, cheio de ideais e com pouco poder político. O PT nunca teria chegado ao poder se não tivesse se aliado às forças corruptas. Hoje se vê Collor, Maluf, Barbalho, Sarney e outras figurinhas carimbadas nos palanques juntos ao PT.

O mundo é um lugar difícil. Quando se atinge o poder por meio da força, há abusos autoritários do grupo que alcança o poder. Quando se atinge o poder de forma gradual, como o PT, o grupo entrante se modifica de tal forma, que fica difícil distinguir quem é quem. Na essência, não há grandes diferenças entre PT, PSDB, PMDB e DEM. São apenas pequenas sutilezas ideológicas, utilizadas em discursos nos púlpitos e diluídas no jogo cruel da realidade política.

Por quê?

Porque o poder é um mel que adoça e corrompe a alma dos seres humanos. Infelizmente, com raras exceções, quem está fora do poder quer resolver o problema da

humanidade, desde que não mexa no seu bolso. Quem está dentro, depois de um curto tempo de adaptação, passa a querer resolver os próprios "problemas". O homem é especialista em condenar as impropriedades dos outros e justificar as suas próprias.

A violência também interessa a partidos de oposição, no sentido de catalisar um sentimento de repúdio aos atuais governantes. Isso já funcionou aqui no Rio, onde a aprovação popular a Sergio Cabral caiu bastante depois das manifestações de junho do ano passado. Recentemente, há denúncias que o Garotinho, junto com Álvaro Lins (seu antigo e indiciado Secretário de Segurança) estaria por trás dos recentes ataques à UPP do morro do Alemão, visando desestabilizar uma das ações mais populares do atual governo, para alçar sua candidatura de governador, referente às eleições no final desse ano, onde Garotinho aparece como líder nas pesquisas.

A violência também serve a motivações até de algumas facções ligadas ao governo, desejosas de aumentar sua influência e pressionar o governo a fazer mudanças que atendam a essas facções.

Finalmente, a violência insuflada poderia servir a setores do próprio governo, se tomarmos um ponto de vista cínico, porque diminui o apoio popular às manifestações ou, pelo menos, aumenta o medo de participar ativamente dos protestos, deixando sua sede de protestos para compartilhamentos "sinceros" nas redes sociais.

Essa exposição não ficaria completa se não citarmos a violência da polícia, que se dá através de uma reação exagerada a alguma ocorrência ou espontânea, pretensamente com finalidade preventiva.

Ao invés de atuar cirurgicamente para estancar atuações de grupos radicais, essa violência atua em uma intensidade descabida e generaliza o alvo, como se todos os manifestantes fossem responsáveis pela atuação de um pequeno número de pessoas.

Essa forma de atuação decorre do despreparo, do desmazelo e da falta de treinamento ou orientação eficaz de uma parte significativa do efetivo policial. Ao invés de coibir a violência, a polícia acaba contribuindo para deflagrar reações em cadeia que aumentam ainda mais a violência.

Há até a violência indireta, de se bloquear indiscriminadamente vias públicas fundamentais, provocando um nó no trânsito, que gera muita poluição, *stress*, prejuízos econômicos e até mortes de pessoas que tentam alcançar hospitais.

Finalmente, temos o efeito do medo da violência, que acarreta diminuição das atividades econômicas e, se reiterada, motiva a diminuição de investimentos externos, visto de fora como um sintoma de instabilidade.

Para exemplificar, supomos um *shopping* decida fechar um determinado dia, motivado pelo medo. Quais as consequências? Repare que as compras de impulso, o consumo de lazer e alimentação daquele dia foram perdidos. Ao contrário das compras planejadas, boa parte desse valor não é transferível para outro dia.

Caso tais incidentes se tornem reincidentes, a atividade econômica declina, o que diminui a capacidade de investimentos e operação, o que reduz o nível de empregos. Por sua vez, a redução de empregos abaixa o poder de compra, que pressiona ainda mais a economia para baixo.

Antes que alguém venha dizer que isso são argumentos burgueses, quero lembrar que a queda do nível da atividade econômica não favorece nenhuma classe social. Uns adiam a troca de seu BMW, outros começam a passar necessidade. Vale lembrar, que alguns segmentos de atividades florescem na crise, como vendas de fogos, produtos de substituição, consultorias de crise, etc.; além dos eternos apaziguados do governo.

Por exemplo, Cuba iria se beneficiar muito se os Estados Unidos levantasse o embargo econômico e Raul Castro está discretamente trabalhando nisso. O Irã está lutando com muita diplomacia para diminuir as sanções econômicas, decorrentes da suspeita de estar desenvolvendo armas nucleares.

A crônica da Cora Ronai no Globo de hoje (13 de fevereiro), mostra a face oculta de milhares de pessoas que manifestam, de alguma forma, solidariedade ou compreensão com a violência, através das redes sociais, misturando alhos com bugalhos. Cora manifesta incredulidade, porque esse universo contrasta com suas amigas do mundo real.

Uma vida não é mais importante que outra, mas um erro não justifica o outro. O fato de um determinado assassinato ter passado em branco na mídia, não torna a explosão de um

jornalista menos condenável. Temos que combater a impunidade e perceber que sua predominância não é justificativa para nenhuma impunidade em particular, ainda que o crime tenha motivações "nobres" ou porque o caso despertou, eventualmente, o interesse excessivo da mídia. É preciso ser responsáveis pelos nossos atos, independente de suas motivações.

Essa discussão toda é válida, mas não se pode perder de vista os grandes problemas desse país, que vão muito além das palavras de ordem das ruas: sistema político viciado, corrupção endêmica, política exterior tacanha com foco em países "aliados" e não em interesses econômicos, governo voltado a um pequeno grupo de favorecidos, baixos níveis de investimento, alto nível de endividamento público, aparelhamento do serviço público e das empresas estatais, agências reguladoras esvaziadas, subsídios excessivos e desiguais, financiamento de bancos estatais a empresas privadas por critérios duvidosos, etc. Vale notar, que todos esses pontos, exceto a política externa, são comuns também aos governos anteriores ao PT.

Em suma, a violência dilui a nobreza da expressão popular e traz diversos efeitos nefastos para todos. Isso não elimina minha crença na importância da participação política da população, porque, como dizia o escritor francês Charles de Montalembert (1810-1870) "*Você pode não se ocupar de política, mas a política se ocupará de você*".